

ANAIS DO
VIII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A PROPRIEDADE RURAL

VOLUME I

LXIV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1976

BURMISTR (*) (1).

VICTORIA NAMESTNIKOV EL MURR
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A cerca de 15 verstas de minha propriedade, vive um conhecido meu, Arcádi Pávlicht Pénotchkin, jovem proprietário, oficial da guarda reformado. Há muita caça em suas terras, a casa foi construída com a planta de um arquiteto francês, os serviços vestem-se à inglesa, oferece ótimos banquetes, recebe afetuosamente as visitas, mas, apesar de tudo, não se tem muita vontade de visita-lo. Homem sensato e positivo, muito bem educado, como de praxe, exerceu função pública, arrastou-se na alta sociedade e agora administra suas propriedades com grande sucesso. Falando de si próprio Arcádi Pávlicht diz ser severo mas justo; preocupa-se com a sorte dos seus súditos e castiga-os para o seu próprio bem. "Em tais casos", afirma, "é preciso tratá-los como crianças — é a ignorância, *mon cher*; *il faut prendre celà en consideration*". Entretanto, no caso do chamado mal necessário, evita movimentos bruscos e impulsivos e não gosta de elevar a voz, limitando-se a apontar com o braço em riste, dizendo calmamente: "Afinal eu te pedi, meu caro", ou: "O que há amigo, volte a si" — nisso apenas cerra levemente os dentes e entorta a boca. Não é de grande estatura, bem proporcionado e apessoado, cuida muito das mãos e das unhas e a saúde emana dos seus lábios rosados e das faces coradas. Uma contração afa-

(*) . — Comunicação apresentada na 3ª Sessão de Estudos, no dia 6 de setembro de 1976, Equipe A (*Nota da Redação*).

(1) . — *Burmistr* — Do ponto de vista etimológico trata-se de um empréstimo linguístico que penetrou na Rússia através da Alemanha. No reinado de Pedro-o-Grande, em 1699 o *burgomestr* ou *burmistr* era representante do poder central na cidade. No presente conto o vocábulo designa o administrador do *poméstie*, propriedade rural, sendo responsável pelos bens particulares do senhor.

vel dos olhos castanhos e límpidos acompanha seu riso sonoro e despreocupado. Veste-se muito bem e com gosto; recebe livros franceses, desenhos e jornais mas não é grande amante da leitura: mal conseguiu chegar ao fim de *O Judeu Errante*. É mestre no jogo de cartas. Em suma, Arcádi Pávlicht é considerado um dos nobres mais cultos e dos partidos mais invejáveis do nosso governo; as damas perdem por ele a cabeça e elogiam sobretudo suas boas maneiras. Seu comportamento é extraordinário, cauteloso como um gato, nunca se envolveu em escândalo, mas, em ocasião favorável, gosta de impor-se sobre um tímido, aniquilando-o e deixando-o perplexo. Tem verdadeira repulsa pelas companhias inexpressivas, receando comprometer-se; entretanto, em momentos de alegria declara-se cultor de Epicuro, embora, em geral, não se refira bem à filosofia, chamando-a de alimento nebuloso das mentes germânicas, e às vezes, de asneira rematada; gosta de música e, jogando baralho, cantarola entre dentes, mas com sentimento; lembra-se também de trechos de *Lúcia* e da *Sonâmbula*, mas sempre está numa ordem impecável: até os cocheiros sujeitaram-se à sua influência e todos os dias não só limpam as coalheiras e os cafetãs, como lavam até a própria cara. Na verdade os fâmulos de Arcádi Pávlicht olham meio de esguelha, mas aqui na Rússia é difícil distinguir um tristonho de um sonolento. Arcádi Pávlicht fala com voz macia e agradável, pausadamente, parecendo sentir prazer na passagem de cada palavra através do bigode belo e perfumado; também emprega muitas expressões francesas, como: "*Mais c'est impayable*", "*Mais comment donc!*", etc. Apesar de tudo, eu pelo menos, não o visito de muito bom grado e, se não fossem os tretrazes e as perdizes, provavelmente esqueceria que o conheço. Algo como uma estranha inquietude vos domina em sua casa; até o conforto não vos alega e sempre que, à noitinha, surge o camareiro de cabelos anelados, de libré clara, com botões heráldicos e começa servilmente a tirar vossas botas, tem-se a sensação de que se em lugar da sua figura pálida e magra, surgissem de inopinado diante de vós os maxilares estranhamente largos e o nariz, incrível de tão obtuso, de um jovem reforçado, afastado recentemente da aração, mas que já conseguiu descosturar em dez lugares o cafetã de nanquim há pouco recebido, ficaríeis indescritivelmente satisfeito e de boa vontade vos sujeitaríeis ao perigo de perder, junto com a bota, a própria perna, em toda extensão...

Apesar da minha antipatia por Arcádi Pávlicht, certa feita, tive de passar uma noite em sua casa. No dia seguinte, logo pela

manhã, mandei preparar meu coche, mas ele não quis me deixar partir sem o desjejum à moda inglesa e levou-me ao seu escritório.

Com o chá serviram-nos bolinhos de carne, ovos quentes, manteiga, mel, queijo e outros. Dois camareiros de luvas brancas e limpas, com a maior eficiência e em silêncio adivinhavam nossos menores desejos. Estávamos sentados num divã persa. Arcádi Pávlicht vestia largos calções de seda, jaqueta negra de veludo, um belo fez com pingente azul escuro e chinelos chineses, amarelos, sem calcanhar. Tomava chá, ria, examinava as unhas, fumava, ajeitava as almofadas debaixo de si, tudo isto num ótimo estado de espírito. Tendo tomado seu farto desjejum com evidente satisfação, Arcádi Pávlicht serviu-se de um cálice de vinho tinto, aproximou-o dos lábios e, súbito, franziu a testa.

— Por que o vinho não está aquecido? perguntou de modo um tanto brusco a um dos camareiros.

Este ficou confuso, parou estático e empalideceu.

— Não estou te perguntando, meu caro? continuou calmamente Arcádi Pávlicht sem tirar os olhos dele.

O infeliz mexeu-se no lugar, enrolou umas vezes o guardanapo e não proferiu palavra. Arcádi Pávlicht abaixou a cabeça e, pensativo, olhou-o de cenho franzido.

— *Pardon, mon cher*, — proferiu com agradável sorriso, tocando amistosamente meu joelho com a mão e, de novo, fixou o camareiro. Depois de breve silêncio, acrescentou: — Bem, vai-te. Ergueu as sobrancelhas e tocou a sineta.

Entrou um homem gordo, moreno, cabelos negros, testa baixa e olhos totalmente inchados.

— Quanto ao Fiódor... que se tomem providências, disse Arcádi Pávlicht a meia voz, com total auto domínio.

— Será feito — respondeu o gordo e saiu.

— *Voilà, mon cher, désagrément de la campagne*, observou alegre Arcádi Pávlicht. Onde o senhor vai? Fique mais um pouco.

— Não, respondi, tenho que ir.

— Sempre a caça! Ai, estes caçadores! Para onde o senhor vai agora?

— A quarenta verstas daqui, a Riábovo.

— Riábovo. Oh, meu Deus, neste caso vou com o senhor.

Riábovo está a cerca de cinco verstas apenas da minha Chipílovka e, na verdade, há muito que não vou lá: nunca disponho de tempo. Tudo vem a calhar: hoje o senhor caçará em Riábovo, e à noite virá a minha casa. *Ce sera charmant*. Jantaremos juntos, — levaremos o cozinheiro, — e passará a noite em casa. Ótimo! ótimo! — acrescentou sem esperar resposta. *C'est arrangé...* Ei, quem é! Mandem preparar a caleça, e rápido. O senhor nunca esteve em Chipílovka? Eu teria receio em lhe oferecer dormida na isbá do meu *burmistr*, mas sei que não é exigente e que em Riábovo dormiria num depósito de feno... Vamos, vamos!

Arcádi Pávlitch entoou uma romança francesa.

— O senhor talvez não saiba, prosseguiu, balançando-se sobre as pernas, lá os meus mujiques pagam *obrók*. (2) É a Constituição, que se vai fazer? Entretanto pagam-me *obrók* pontualmente. Confesso que eu os colocaria há muito tempo na *bárchchina*, (3) mas a terra é pouca! Até me admiro como eles conseguem sobreviver. Afinal, *c'est leur affaire*. Tenho um ótimo *burmistr*, *une forte tête*, um estadista! O senhor verá... Na verdade como tudo se encaixou bem!

Não havia nada a fazer. Em vez de nove da manhã saímos às duas. Os caçadores entenderão minha impaciência. No seu próprio modo de dizer, Arcádi Pávlitch gostava de aproveitar a ocasião para regalar-se, e levou tamanha quantidade de roupa branca, mantimentos, trajes, pe-fumes, almofadas e toda espécie de miudezas que para um alemão econômico e austero estes bens seriam suficientes para um ano. Em cada descida de morro Arcádi Pávlitch fazia um breve mas sério sermão ao cocheiro, do que pude concluir que meu conhecido era um medroso a toda prova. Aliás, a viagem foi levada a termo de modo bastante feliz; só que numa ponte recém-consertada a telega que levava o cozinheiro despencou e a roda traseira prensou-lhe o estômago.

Arcádi Pávlitch vendo a queda de Karem, criado em sua casa, assustou-se e imediatamente mandou perguntar se seus braços estavam ilesos. Tendo recebido resposta afirmativa, logo se tranquilizou. Com tudo isto nossa viagem foi bastante demorada; eu estava na mesma caleça que Arcádi Pávlitch e no fim senti angústia mortal, tanto mais que depois de algumas horas meu

(2). — *Obrók* — Tributo em dinheiro pago aos proprietários de terras pelos servos.

(3). — *Bárchchina* — Trabalho obrigatório e gratuito do camponês para o seu senhor, no tempo da servidão.

companheiro perdeu todas as forças e já começou a tomar ares de liberal. Chegamos afinal, só que não a Riábovo e sim diretamente a Chipílovka, sem que eu o pudesse explicar. Naquele dia, de qualquer modo, eu não poderia mais caçar e, embora a contragosto, sujeitei-me ao destino.

O cozinheiro chegara alguns minutos antes de nós e, ao que parece, já tivera tempo de dar as ordens e prevenir a quem necessário, já que, no momento de entrarmos na propriedade, fomos recebidos pelo *stárosta*, (4) (filho do *burmistr*), mujique forte, de cabelos ruivos, com cerca de um *sájem* (5) de altura, a cavalo, de cabeça descoberta, vestindo um *armiák* novo (6) desabotoado. “Mas onde está Sofrón?” — perguntou-lhe Arcádi Pávlitch. Primeiro o *stárosta* pulou ágil do cavalo, inclinou-se diante do patão até a cintura e disse: “Salve, paizinho Arcádi Pávlitch”, depois soergueu a cabeça, sacudiu-se e informou que Sofrón fora a Peróv, mas já haviam mandado busca-lo. “Bem, siga-nos”, disse Arcádi Pávlitch. O *stárosta*, por respeito, afastou o cavalo para o lado, jogou-se sobre ele e trotou atrás da caleça, o gorro na mão. Atravessamos a aldeia. Pelo caminho cruzamos com alguns mujiques em telegas vazias; vinham da eira e cantavam, dando pulos e mexendo as pernas no ar; mas ao ver nossa caleça e o *stárosta*, calaram-se de chofre, tiraram seus gorros de inverno (isto foi no verão) e soe gueram-se, como que aguardando ordens. Arcádi Pávlitch inclinou-se condescendente. Havia indícios de uma inquietação propagando-se pela aldeia. Mulheres de saia xadrês atiravam gravetos nos cachorros que de nada desconfiavam ou eram cômicos demais dos seus deveres; um velho manco, de barba, que começava logo abaixo dos olhos, expulsou de junto do poço um cavalo que não acabara de beber, bateu-lhe na ilharga, sem que ninguém soubesse por que, e depois fez uma mesura. Garotos em longos camisolões corriam berrando para as isbás, deitavam-se de bruços no alto umbral, baixavam a cabeça, atiravam as pernas para cima e assim, bem agilmente, rolavam para além da porta, para os escuros vestibulos, de onde não mais se mostravam. Até as galinhas lançavam-se a trote acelerado para baixo do portão; um galo briguento de peito preto, semelhante

(4). — *Stárosta* — Chefe de comunidade; no caso era o representante dos camponeses, eleito por eles, em assembléia. Constituía, juntamente com o *burmistr*, a cúpula administrativa da propriedade rural.

(5). — *Sájem* — Antiga unidade de comprimento, variando entre 1,80 e 2,20m.

(6). — *Armiák* — Vocábulo de origem tártara; vestimenta confeccionada por este povo. Sobretudo composto de pano grosso.

a um colete de cetim, e de rabo vermelho enrolado até a crista, deteve-se no caminho e já se preparava para gritar, mas de repente ficou confuso e também fugiu correndo. A isbá do *burmistr* localizava-se distante das demais, no meio de um campo de cânhamo espesso e verdejante. Paramos diante dos portões. O senhor Pénotchkin levantou-se, tirou a capa com gesto pitoresco e saiu da caleça, olhando, amigavelmente para todos os lados. A mulher do *burmistr* recebeu-nos com reverências profundas e aproximou-se da mão do senhor. Arcádi Pávlitch permitiu que ela a beijasse à vontade e subiu para o alpendre. Um canto escuro do vestíbulo a mulher do *stárosta* estava em pé, também se inclinou mas não ousou aproximar-se da mão. Na assim chamada *isbá fria*, (7) à direita do vestíbulo, já se moviam duas outras mulheres; tiravam de lá um monte de bugigangas, bilhas vazias, *tulúpi* (8) ensecados, potes de go-dura, um berço com um monte de trapos e com um **bebê em roupas coloridas**, varriam o lixo com vassouras de banho. (9) Arcádi Pávlitch mandou-as embora e acomodou-se num banco sob as imagens. Os cocheiros começaram a trazer para dentro baús, arcas e demais petrechos, tentando, a todo custo, abafar o ruído das suas pesadas botas.

Enquanto isso, Arcádi Pávlitch pedia informações ao *stárosta* sobre a colheita, a semeadura e outros assuntos atinentes à administração. O *stárosta* respondia satisfatoriamente, mas de modo indolente e constrangido, abotoando o cafetã com os dedos como que enregelados. Estava em pé junto da porta e a todo momento acautelava-se e olhava para trás, dando passagem ao agil camareiro. Por cima de seus ombros vigorosos, consegui ver que a mulher do *burmistr*, no vestíbulo, às escondidas, batia numa outra mulher.

Súbito, ouviu-se o barulho de uma telega que parou diante do alpendre: entrou o *burmistr*.

(7). — *Isbá fria* — Isbá é uma habitação rural de madeira, geralmente de pinho, que consiste em duas cabanas contíguas a um pátio coberto. Numa encontra-se o fogão destinado para cozinhar e aquecer, na outra, ele inexistente, daí o nome de "fria". O hábito subsiste ainda, inclusive no Brasil, na zona de colonização alemã.

(8). — *Tulup* — Sobretudo comprido, não acinturado, com a pele voltada para dentro. Plural: *tulúpi*.

(9). — *Vassouras de banho* — Havia na Rússia o hábito dos banhos públicos onde se usavam vassouras de tília para, batendo no próprio corpo, ativar a circulação. No texto indica vassouras usadas para varrer confeccionadas de galhos finos de tília.

Este, um estadista segundo Arcádi Pávlitch, era de pequena estatura, ombros largos, grisalho, corpulento, nariz vermelho, pequenos olhos azuis e barba em leque. A propósito é bom notar, que desde que existe a *Russ*, (10) nunca houve um homem que tendo melhorado de vida e enriquecido não tivesse uma respeitável barba; alguém que sempre tivera barba rala, em cunha, de repente está emoldurado como por uma auréola — vai-se lá saber de onde vem o cabelo! O *burmistr* com toda certeza deve ter se divertido em Peróv: seu rosto ficou bastante inchado e o cheiro de bebida sentia-se à distância.

— Ó pais nossos, — começou a falar cantado e de rosto tão embevecido que parecia prestes a chorar, finalmente dignaram-se a nos honrar! A mãozinha, paizinho, a mãozinha, acrescentou, estendendo os lábios com antecedência.

Arcádi Pávlitch satisfizes seu desejo.

— Bem, irmão Sofrón, como vão as coisas? perguntou amavelmente.

— Ó pais nossos! exclamou, como é que as coisas poderiam ir mal! Vós que sois nossos pais, caridosos, decidistes iluminar nossa aldeiazinha com vossa vinda, deixando-nos felizes pelo resto dos nossos dias. Graças a Deus, Arcádi Pávlitch, graça, graças a Deus! Tudo transcorre bem, graças a vossa bondade.

Então Sofrón calou-se, deu uma olhada para o patrão e como que de novo arrebatado pela efusão de sentimentos em que a embriaguez também tinha parte, pediu-lhe as mãos mais uma vez e pôs-se a entoar com mais ênfase que antes:

— Ó pais nossos, caridosos... e... que se pode dizer! Juro que fiquei bobo, de alegria. Por Deus, mal posso acreditar nos meus olhos... Ó pais nossos!...

Arcádi Pávlitch olhou-me, deu uma risadinha e perguntou: "*N'est-ce pas que c'est touchant?*"

— Sim, paizinho, Arcádi Pávlitch, continuava o incansável *burmistr*, como foi isso? Fico completamente desolado, paizinho;

(10). — *Russ* — Nome do primeiro Estado Russo, fundado no século IX na região de Nóvgorod e cuja capital, por razões econômicas, deslocou-se para Kiev, cidade que deu o nome ao primeiro período da História Russa (Período Kievano). O Termo Russ conservou-se, tradicionalmente, como termo elevado para designar a Rússia.

não vos dignastes a me informar de vossa chegada. Onde passareis a noite? Aqui não está limpo, há sujeira...

— Não é nada, Sofrón, não é nada, respondeu sorrindo Arcádi Pávlicht, aqui está bem.

— Mas, pais nossos, para quem está bem? Para nós outros mujiques, está bem; mas para vós... oh vós, pais meus, concessores da mercê, oh vós, pais meus!... Perdoai a um bobo, fiquei louco, por Deus, perdi completamente a cabeça.

Enquanto isto, serviram o jantar; Arcádi Pávlicht começou a comer. O venho mandou embora seu filho, dizendo-lhe que não abafasse mais o ar.

— Como é, dividiram as terras, meu velho? — perguntou o senhor Pénotchkin, que desejava, com toda evidência, imitar a fala do mujique, e piscou para mim.

— Dividimos, paizinho, graças à tua bondade. Antetern assumamos a escritura. Bem, primeiro os de Khlinovski se fizeram de rogados... se fizeram de rogados, meus pais, realmente. Exigiram... exigiram... e só Deus sabe o que exigiram; são uns bobos, paizinho, gente imbecil. E nós, paizinho, com a tua graça, declaramos nossa gratidão e satisfizemos o intermediário Mikolai Mikoláitch; agimos em tudo segundo às tuas ordens, paizinho; como te dignaste mandar, assim fizemos, e sempre agimos com o conhecimento de Iegor Dmítritch.

— Iegor me comunicava tudo — notou com importância Arcádi Pávlicht.

— Claro, paizinho, Iegor Dmítritch, claro.

— Bem, então com certeza vocês agora estão satisfeitos?

Era o que Sofrón esperava.

— Ó nossos pais, nossos benfeitores! cantarolou novamente...

— Tende piedade de mim... por vós, nossos pais, nós rezamos a Deus de dia e de noite... Na verdade, a terra é pouca...

Pénotchkin interrompeu-o:

— Está bom, está bom, Sofrón, sei que és meu servidor fiel... E como está o trigo batido?

Sofrón suspirou.

— Ora, vós que sois nossos pais, o trigo batido não é lá muito bom. Aliás, paizinho Arcádi Pávlitch, permita comunicar-vos, um fatozinho que aconteceu (Aproximou-se, abrindo os braços, do senhor Pénotchkin, inclinou-se e entreteitou um olho). Apareceu um defunto em nossas terras.

— Como assim?

— Eu mesmo não consigo entender, paizinho, nossos pais, o demo nos confundiu, ao que tudo indica. Só que por sorte apareceu perto da divisa alheia; mas para que ocultar um pecado?

— em terra nossa. Na mesma hora mandei que o carregassem para terra alheia, enquanto era possível, coloquei guarda e falei aos meus: Caluda. Por via das dúvidas, expliquei ao comissário: são estas as ordens, digo; dei-lhe chazinho, e agradecimento... Pois é, o que o paizinho está pensando? Afinal ficou pendurado no pescoço dos outros; afinal um cadáver é como duzentos rublos, como um pãozinho doce (11).

O senhor Pénotchkin riu muito da espirotuosidade do seu *burmistr* e disse-me algumas vezes, indicando-o com a cabeça: "*Quel gaillard, ah?*"

Neste meio tempo escureceu totalmente lá fora; Arcádi Pávlitch deu ordens para que se tirasse a mesa e para que se trouxesse feno. O camareiro estendeu lençóis, distribuiu os travesseiros; deitamo-nos. Tendo recebido ordens para o dia seguinte, Sofrón retirou-se. Adormecendo, Arcádi Pávlitch ainda filosofou um pouco sobre as excelentes qualidades do mujique russo e frisou imediatamente que desde que Sofrón passou a administrar os camponeses de Chipílovka, eles não ficavam devendo nem um vintém...

O vigia bateu na tábua; em alguma isbá choramingou uma criança que, segundo tudo indica, ainda não tivera tempo de se impregnar de altruísmo... Adormecemos.

(11). — Devido ao desgaste econômico que a Rússia teve nas sucessivas guerras de que participou, houve certo empobrecimento da nobreza. Tentou-se sanar o problema enviando, para as várias unidades territoriais, um nobre com toda a sua comitiva, no intuito de estabelecer uma fiscalização. O sustento destes elementos, durante sua permanência no local, que variava de um a dois anos, recaía sobre os camponeses. Estava no seu interesse acusar falhas, pois tal fato se constituía em fonte de renda. Um dos processos mais dispendiosos era justamente aquele que se iniciava com o encontro de um cadáver. O relato torna-se compreensível dentro deste contexto histórico. Deste assunto trata o parágrafo 3 da *Rússkaia Právda*.

No dia seguinte levantamos bastante cedo. Eu me preparava para ir a Riábovo, mas Arcádi Pávlich desejou mostrar-me sua propriedade e convenceu-me a ficar. Aliás, eu mesmo gostaria de certificar-me, na prática, das ótimas qualidades administrativas de Sofrón. Apareceu o *burmistr.* Vestia uma *armiák* azul, presa por uma faixa vermelha. Falava bem menos que no dia anterior, olhava aguda e fixamente nos olhos do patrão, respondia com apreciação e apuro. Partimos com ele para a eira. O filho de Sofrón, *stárosta* de três *archins*, (12) ao que tudo indicava pessoa bem tola, seguiu-nos, juntou-se ainda a nós Fedosséitch do *zemstvo* (13), soldado reformado, de enormes bigodes e com estranhíssima expressão no rosto: como se desde muito tempo tivesse ficado extremamente perplexo com algo e não tivesse voltado a si. Examinamos a eira, o celeiro, a tulha, os galpões, o moinho de vento, o curral, a horta, os cânhamos; realmente tudo estava na mais perfeita ordem: só os rostos tristonhos dos mujiques deixavam-se um tanto perplexos. Além do útil, Sofrón preocupava-se também com o agradável: plantou salgueiros junto de todas as valas, abriu caminhos entre as medas na eira, cobrindo-os de areia, instalou um cata-vento no moinho, com forma de urso de bocarra aberta e língua vermelha, grudou ao curral de alvenaria algo semelhante a um frontão grego e debaixo do frontão escreveu com letras brancas: “Construído na aldeia de Chipiloka emil oito centos e carenta. Este curral”. Arcádi Pávlich ficou totalmente comovido, passou a expor-me em francês as vantagens do *obrók*, notando, entretanto, que a *bárchchina* era mais vantajosa para o senhor de terra, — mas o que não acontece neste mundo?!. Começou a aconselhar o *burmistr* como plantar batata, como preparar a ração do gado, etc. Sofrón ouvia com atenção a fala do patrão, às vezes replicava, mas já não o tratava nem de pai, nem de benfeitor e sempre frisava que as terras eram poucas, não seria nada mau comprar mais. “Por que não? Compre — disse Arcádi Pávlich, — tenho nada a opor se for no meu nome”. Sofrón não respondeu nada, só ficou alisando a barba. “Seria bom irmos à mata” — observou o senhor Pénotchkin. Imediatamente nos trouxeram cavalos; fomos à floresta, ou como se diz entre nós, ao “*zakáz*” (14). Lá encontramos recantos impenetráveis e muita caça, pelo que Arcádi Pávlich elogiou Sofrón e deu-lhe palmadas no ombro. O senhor Pénotchkin mantinha-se fiel aos conceitos russos de silvicultura e aproveitou a ocasião

(12). — *Archin* — Antiga medida de comprimento = 0,71 m.

(13). — *Zemstvo* — Administração local e provincial eleita pela nobreza e pelas classes privilegiadas da Rússia.

(14). — “*Zakáz*” — Termo regional. Literalmente significa “encomendada”.

para contar-me um episódio, segundo ele divertidíssimo, sobre um senhor de terra gozador, o qual ensinou a seu guarda florestal que a mata não se torna mais espessa com a derubada e, como prova, arracou-lhe metade da barba... Aliás, no que dizia respeito a outros assuntos, nem Sofrón nem Arcádi Pávlicht, eram avessos às inovações. Na volta à aldeia o *burmistr* levou-nos para ver a tarara, há pouco trazida de Moscou. Ela parecia realmente funcionar bem, mas se Sofrón soubesse que fato desagradável aguardava-o e também ao patrão neste passeio, provavelmente teria permanecido conosco em casa.

Eis o que aconteceu. Saindo do galpão vimos o quadro seguinte. A alguns passos da porta, junto a uma poça suja, onde três patos chafurdavam despreocupados, estavam parados dois mujiques: um velho de uns sessenta e um jovem de uns vinte, de camisas transpassadas e com remendos, descalços, com uma corda servindo de cinto. Fedosséitch, o chefe do *zemstvo*, tentava convence-los com afinco a afastarem-se e provavelmente o teria conseguindo se nos tivéssemos demorado no galpão, mas, tendo-nos visto, pôs-se em posição de sentido e ficou imóvel. O *stárosta* achava-se também ali, de boca aberta e punhos indecisos. Arcádi Pávlicht franziu o cenho, mordeu o lábio e aproximou-se dos suplicantes. Ambos inclinaram-se em silêncio, até o chão.

— Que desejam o, que pedem? perguntou em tom severo e um tanto fanhoso. (Os mujiques entreolharam-se sem proferir palavra, limitaram-se a contrair os olhos, como que protegendo-se do sol, e acelerou-se-lhes a respiração).

— Então? continuou Arcádi Pávlicht dirigindo-se imediatamente a Sofrón: — A que família eles pertencem?

— À dos Toboléiev, — respondeu letamente o *burmistr*.

— Então, o que é? — indagou de novo o senhor Pénotchkin, será que perderam a língua? Diga, o que quer? — acrescentou, indicando o velho com um movimento de cabeça. — Não tenha medo, imbecil.

O velho esticou o pescoço enrugado e pardacento-escuro, retorceu os lábios azulados, entreabriu-os e disse com voz rouquenha: "Interceda por nós, senhor" — e novamente bateu com a testa no chão. O jovem mujique também se inclinou. Arcádi Pávlicht olhou para as suas nuças com dignidade, jogou a cabeça para trás e afastou um pouco uma perna da outra.

— Qual é o problema? De quem te queixas?

— Tenha piedade, senhor! Permita que respiremos... Não podemos suportar mais os maus tratos (O velho falava com dificuldade).

— Quem te maltratou assim?

— Ora, Sofrón Iákovlitch, paizinho.

Arcádi Pávlitch calou-se por um instante.

— Como te chamas?

— Antip, paizinho.

— E ele, quem é?

— Meu filho, paizinho.

Arcádi Pávlitch fez silêncio novamente e moveu os bigodes.

— Como foi que ele maltratou? — disse, olhando para o velho através do bigode.

— Paizinho, arruinou-nos totalmente. Recrutou dois filhos, sem que fosse a vez deles, e agora está querendo tirar-me o terceiro (15). Ontem, paizinho, tirou-me a última vaca e surrou minha mulher: aí está a sua graça (Indicou o *stárosta*).

— Hum! — proferiu Arcádi Pávlitch.

— Não permita que acabem de nos destruir, benfeitor.

O senhor Pénotchkin franziu a testa.

— O que significa tudo isso? — perguntou ao *burmistr*, a meia voz, demonstrando insatisfação.

— É um bêbado e preguiçoso, respondeu o *burmistr* empregando pela primeira vez o de cortesia (16). Há cinco anos que não consegue sair das dívidas.

— Sofrón Iákovlitch pagou minha dívida, paizinho, — continuou o velho, — há quatro anos e pouco, assim que pagou, e assim que pagou, transformou-me num escravo, paizinho, e ...

— E qual o motivo que te levou a fazer dívida? Perguntou o senhor Pénotchkin, ameaçadoramente. (O velho inclinou a cabeça constringido). — Vai ver que gostas de beber, de te

(15). — O recrutamento fazia-se entre os camponeses, levando em conta o número de indivíduos do sexo masculino existente numa família. Este princípio, previsto por lei, segundo se pode depender, era burlado. O indivíduo recrutado chegava a passar períodos muito longos no exército, cerca de 20 a 30 anos.

(16). — Era costume na Rússia, como forma de cortesia, colocar-se um *s* no final da oração ou da palavra isolada.

arrastares pelos botequins? (O velho chegou a abrir a boca). Eu vos conheço — continuou Arcádi Pávlitch com veemência, — o vosso caso é beber, ficar deitado em cima do fogão (17) e fazer com que um bom mujique responda por vós.

— Além do mais é um prosseirão — acrescentou o *bu mistr* à fala do senhor.

— Ora, isso é evidente. É sempre assim; já observei isto mais de uma vez. Passa o ano todo na libertinagem, profere grosserias e agora joga-se aos meus pés.

— Paizinho, Arcádi Pávlitch, — balbuciou o velho em desespero — que prosseirão sou eu? Como diante de Deus, Nosso Senhor, digo que não podemos mais suportar. Sofrón Iákovlitch passou a não gostar de mim, os motivos — só Deus sabe! Está me arruinando totalmente paizinho... o meu último filhinho... até este... (Nos olhos amarelos e enrugados do velho brilhou uma lágrima pequenina). Tenha piedade, paizinho, interceda...

— Além do mais, não é só conosco, — pôs-se a dizer o jovem mujique...

Arcádi Pávlitch de repente explodiu.

— Quem é que está te perguntando, hem? Já que não te perguntam, cala-te... O que que é isso? Cala-te, é o que te digo! Cala-te!... Oh, Deus meu! parece até uma rebelião. Não, amigo, não te aconselho a te rebelar... eu... (Arcádi Pávlitch deu um passo à frente, e, provavelmente lembrando-se da minha presença, vi ou-se e enfiou as mãos nos bolsos). *Je vous demande bien pardon, mon cher*, — disse com um sorriso forçado, abaixando o tom de voz, significativo. — *C'est le mauvais côté de la médaille*... Está bem, está bem, — continuou sem olhar para os mujiques, — eu ordenarei... está bem, retirem-se. (Os mujiques não se erguiam). Ora, eu não lhes disse?... está bem. Retirem-se, vou dar a ordem, estou lhes dizendo.

Arcádi Pávlitch deu-lhes as costas. “A eterna insatisfação”, — disse entre dentes e com passos largos dirigiu-se para casa. Sofrón seguiu-o. O funcionário do *zemstvo* arregalou os olhos como se pretendesse dar um grande salto para um ponto distante. O *stárosta* espantou os patos da poça. Os suplicantes permane-

(17). — Hábito tradicional, muito antigo. Devido ao frio intenso, no inverno, os camponeses russos costumavam deitar-se em estrados sobre o fogão.

ceram mais um pouco no local, entreolharam-se e arrastaram-se para casa sem olhar para trás.

Cerca de duas horas depois, eu já me encontrava em Riábovo com um mujique conhecido, Anpadist, e preparava-me para a caça. Até o momento da minha partida, Pé.otckin fazia cara feia para Sofrón. Puxei conversa com Anpadist sobre os camponeses de Chipílovka, sobre o senhor Pénotchkin, e perguntei se não conhecia o *butmistr*.

— Sofrón Iákovlitch ... ora!

— Que tipo de homem é?

— Não é um homem, é um cachorro; um cão destes não existe até Kursk.

— Como assim?

— Ora, Chipílovka só consta como sendo do tal do Penkin; mas não é ele que a possui, é Sofrón.

— Será possível?

— Possui como se fossem seus bens. Os camponeses sempre lhe devem; trabalham para ele como peões: manda levar carga, uns para um canto, outros para outro... acabou totalmente com eles.

— Parece que eles têm pouca terra.

— Pouca? Só dos Khlinóvsk arrenda 80 *diessiatinas* (18) e dos nossos 120; as tão aí 150 *diessiatinas*. (19) Depois não é só com terra que ele comercia: também o faz com cavalos, gado, alcatrão, azeite, cânhamo e tudo o mais... É inteligente, muito inteligente, e é rico, o danado! O que tem de mau, é que gosta de briga. É um animal, não é um ser humano; como se diz: é um cachorro, um cão, um cão perfeito...

— Como é que não se queixam dele?

— Ora! no que é que a desgraça afeta ao patrão?! Não há dívidas, então que lhe importa o .esto. E além do mais — acrescentou depois de breve silêncio, — queixa-te. Não, ele vai te... sim, ora ... Não, ele te, bem...

— Pois é — disse Anpadist, — agora vai acabar com ele; acabará totalmente com o homem. O *stárosta* vai moê-lo de pan-

(18). — *Diessiatina* — Antiga medida agrária russa correspondente a 1,09 ha.

(19). — Embora a soma de 80 com 120 seja 200 no original encontramos 150. Pode ser uma maneira sutil de indicar a ignorância do mujique no que se refere à aritmética.

çadas. Que homem sem sorte, veja só, coitado! E quais os motivos que o levam a sofrer... De certa feita discutiu com o *burmistr*, não aguentou, aconteceu... Grande coisa! Foi aí que ele começou a bica-lo, ao Antip. Agora está acabando com ele. Pois é um cachorro, um cão, Deus que me perdoe meus pecados, e sabe a quem ataca. Aos velhos mais ricos e de família mais numerosa deixa em paz, o diabo careca, mas aí perdeu o controle. Recrutou os filhos do Antip antes do tempo, trapaceiro imperdoável, cão, Deus que me perdoe os pecados!

Partimos para a caça.

Salzbrunn, Silésia,
julho de 1847.

* *

*

PROPRIEDADE RURAL NUM CONTO DE TURGUÊNEV.
(*Burmistr* — 1847).

Sem o intuito de entrar na validade de um texto literário para uma abordagem histórica, decidimos apresentar esta análise, plenamente justificada, a nosso ver, uma vez que sem uma noção cultural da época é totalmente impossível compreender a narrativa. Não basta conhecer a língua do original a tradução do conto é uma verdadeira aventura, a correspondência terminológica simplesmente inexistente, uma infinidade de vocábulos exige notas explicativas, fazendo com que o texto literário perca muito da sua naturalidade e fluência.

Escrito em 1847, o conto pareceu-nos significativo por abordar a temática predileta dos escritores da época. Mantidas as distâncias no tempo e no espaço poderia se comparar às criações literárias do nosso período abolicionista. O escravo e o servo constituem-se na temática mais abordada por uma pleiade de escritores e poetas.

Não é nosso propósito fazer aqui uma abordagem crítica de um paralelismo literário. Desejamos, apenas, através dos elementos fornecidos por um único conto, estudar uma propriedade rural que não tem, absolutamente, a pretensão de servir de modelo.

O conto *Burmistr* (1) trata da vida de um oficial reformado no seu *poméstie*, cercado pelos servos dos quais exige obediência e de

(1). — Este conto faz parte de uma série de 25 narrativas que constituem um todo — *Zapiski Okhótnika*, traduzido para o português como *Memórias de um Caçador*.

cuja vida dispõe integralmente. Possuindo mais de uma propriedade, delega a outrem os poderes de sua administração.

Cumpramos notar aqui que o vocábulo *poméstie*, traduzido por nós como “propriedade”, tem sua origem ligada a uma das duas formas básicas de propriedade rural, existentes na Rússia, nos séculos XVI-XVII.

Poméstie — correspondia a uma propriedade condicional, da qual o proprietário, *poméchtchik*, dispunha em vida; geralmente pertencia à classe dos *dvoriani*. Nas origens esta era a designação dada aos servidores da corte; com o tempo passaram a constituir-se em pessoas tituladas, pertencentes às principais camadas sociais do país. O título, dado como recompensa de serviços prestados à coroa, tornou-se hereditário. A eles competia administrar seus bens imóveis assim como os habitantes locais. Distinguiam-se os *rodovíe dvoriáni*, cujos ancestrais pertenciam a esta classe por várias gerações; os *stolbovíe dvoriáni*, de origem bastante remota e os *potómstvennie dvoriáni*, que foram elevados a esta categoria pessoalmente, ou na época de um ancestral próximo.

Vótchina — correspondia a uma propriedade incondicional e hereditária, geralmente pertencente aos boiardos. Ainda no Período Kievano, boiardo, era o mais alto título concedido pelo Grão-príncipe (2). No século XIX correspondia ao *bárin*, ou seja, senhor; eram os grandes potentados.

A distinção entre *Poméstie* e *Vótchina* praticamente desaparece em meados do século XVII mas, somente o *ukáz* ou a lei de 1714 transforma o *Poméstie* em propriedade incondicional. Ambos confundiram-se num conceito jurídico único de propriedade “imovel”. Desta maneira consolidou-se a aliança dos *dvoriani* com os boiardos, unificando a classe dominante (3).

O narrador nos informa de que o proprietário, amigo seu, era jovem oficial reformado e, além do mais, ficamos sabendo que o recrutamento se fazia no meio rural, entre os camponeses. Devido a isto achamos interessante elucidar o problema do recrutamento, (que, por

(2). — Boiardo, em russo *boiárin* — etimologicamente é possível que o termo tenha se originado de *bói* — luta, combate, ou de *boliárin* — que se preocupava com alguém (o Príncipe) ou, ainda, de *bólchak* — grande maio: DAL, Vladimir — *Dicionário Explicativo da Língua da Grande Rússia*, Moscou, 1903. Baseado nisto, julgamos que poderia tratar-se da junção de dois vocábulos: *bói* e *iári*, vigoroso, ou seja combatente vigoroso, destemido.

(3). — *Vsemírnaia Istória, História Universal*, Ed. da Literatura Sócio-Econômica, Moscou, 1958. T.V. pp. 364.

mais de uma vez aparece na corruptela de recrutamento, proferido pelas personagens campesinas).

Foi na época de Pedro-o-Grande, que se organizou o exército regular e a marinha na Rússia. Data de 1699 o primeiro recrutamento para serviço permanente nas tropas regulares. As famílias campesinas deviam fornecer um recruta para um determinado número de seus componentes do sexo masculino. Com o fim de evitar que os componentes das classes privilegiadas servissem como simples soldados, criaram-se os regimentos de Semiónovski e de Preobrojénski que correspondiam às escolas preparatórias para oficiais. Em 1731 foi fundado o Corpo de Cadetes de Shlákhetk. A partir desta época começou a difundir-se o hábito de inscrição dos filhos dos nobres, nestas escolas de treinamento militar, quando ainda eram crianças, assim, ao atingirem a maioridade, já eram oficiais em decorrência dos “anos de serviço”, não tendo idéia alguma das responsabilidades daí decorrentes. Em 1736 decretou-se que um dos filhos de uma família nobre seria dispensado do serviço militar para que pudesse cuidar das propriedades; os demais deveriam servir por um período de 25 anos. Levando-se em conta a inscrição das crianças do sexo masculino nas escolas de treinamento para oficiais, com poucos anos de idade, tornava-se possível o afastamento do exército de indivíduos extremamente jovens. Por outro lado, sendo difícil exercer o controle com relação ao recrutamento entre os camponeses, muitos viam-se prejudicados não só pelos senhores como, sobretudo, pelos intermediários em cujas mãos se encontrava o poder. Tal fato já ocorria nos séculos XIV-XV, quando o látigo não se encontrava na mão do senhor e sim na de um grupo pretencioso e grosseiro que ocupava postos de destaque e pertencia aos *kholópi* (4), predecessores dos servos.

Uma simples leitura do conto mostra a grande dependência da propriedade e do proprietário, da atividade do servo, ligado à terra ou dedicado aos serviços caseiros ou ainda, ao atendimento pessoal do senhor. Um dos problemas mais complexos que se nos apresenta, possivelmente devido à inexistência, entre nós, de bibliografia especializada, é o de início desta instituição.

Fontes bizantinas e árabes fazem menção à não existência de escravos entre os eslavos. Mesmo os prisioneiros de guerra, tendo servido aos seus senhores por algum tempo, eram acolhidos entre eles, co-

(4). — O *ukáz* de 1714 p-évia que o *iménie* só poderia passar por heranças a um único filho, sendo que a parte dos demais, ser-lhe-ia dada em dinheiro ou outros bens móveis. Estas limitações foram suprimidas em 1730. IAKOVLEV, A. — *Kholópi no Império Moscovita do século XVII*. Ed. da Academia das Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1943. pp. 25.

mo iguais. Até o século XI, nos tratados feitos com os gregos, o vocábulo usado com maior frequência para designar o escravo, pelos escravos, corresponde a *tchéliad* e *tcheliadin* que, nas obras medievais, era usado também para designar uma grande família. Desta maneira acham-se, incontestavelmente ligados à constituição familiar, designando agregados de elementos estranhos ou não a ela. A partir do século XI penetra no léxico uma série de outros termos, predominando a parrelha *kholóp* (5) e *rabá* além do curioso vocábulo *ótrok* (6).

Partindo de uma abordagem crítica de um livro publicado na época (7) V. O. Kliutchevski (8) faz um estudo muito interessante sobre o problema, dizendo que o erro mais grave dos historiadores até então era estabelecer um elo indissolúvel entre os servos e a terra. Isto teria ocorrido apenas em fins do século XVI, como instituição do governo estatal. Já o *kholópstvo*, sempre fora instituição particular. Referindo-se à legislação do Império Russo de 1836, compilada por Speranski, cita o seguinte:

“Legalmente a situação servil constitui-se na de um camponês, localizado em terras de um *poméchchik* com obrigações he editórias e recíprocas: o camponês deve oferecer em proveito do *poméchchik* metade de sua força de trabalho e o *poméchchik*, por sua vez, deve proporcionar ao camponês uma tal quantidade de terra que lhe permita, empregando o restante de suas forças, conseguir o suficiente para a subsistência dele e de sua família”.

Entretanto, como bem nota o autor, nesta conceituação existem dois pontos fracos: não se leva em conta o relacionamento dos servos com o Estado e não se faz menção aos servos que não exercem o trabalho rural e sim o caseiro. As leis de 1827 tentaram estabelecer a dependência dos servos com a terra proibindo que nobres os comprassem sem prévia comprovação de existência de terras. Por outro

(5). — Iákovlev admite a possibilidade de relacionar a introdução deste termo com o estabelecimento dos ex-prisioneiros da Polônia (1018-1031) nas proximidades de Kiev que teriam introduzido o vocábulo *khlóp* — *khláp kholóp*, dizendo que em polonês seu significado é “subalterno”, “agricultor” (*klóp*). A palavra encontra-se registrada até o século XVIII.

(6). — *Ótrok* é a forma breve de *otródok*, reflete a origem desta categoria dos componentes inferiores da *drujína* ligada ainda à distante organização de clã, indica uma parte consaguínea dele que se desliga, com certo rebaixamento no significado social e no da idade inferior, com referência aos mais velhos, plenipotenciários de uma sociedade consaguínea.

(7). — ENGELMANN — *Die Leibeigenschaft in Russland*, Dorpat, 1884.

(8). — KLIUTCHESVSKI, V O. — *Composições*. T. VIII. pp. 237-317.

lado, leis mais antigas possibilitavam ao proprietário, a transferência dos servos dos trabalhos do campo para os de casa e vice-versa, transferi-los individualmente ou em comunidades, para outras terras e vender ou penhora-los individualmente e sem terra alguma. A política financeira do Estado fazia com que se achasse necessário oferecer aos camponeses terras suficientes para sua sobrevivência e para garantir a possibilidade do pagamento de taxas ao próprio Estado.

Inegavelmente a servidão não surgiu do nada e sua ligação com os outros *kholopi* é inegável. Os documentos dos séculos XVI-XVII mostram que havia vários tipos de dependência: entrega independente, com registro ou sem ele, entrega pessoal como garantia de juros e capital do devedor, vendas da família, etc. Distinguiam-se os *kabálnie kholópi* libertados por ocasião da morte do senhor, caso sobrevivessem a ele e os *pólnie kholópi* que passavam como herança, juntamente com os demais bens. Sem dúvida foi o primeiro tipo que teve maior relação com o desenvolvimento da servidão.

O texto literário em questão, coloca-nos frente a frente com uma realidade social correspondente à véspera da libertação dos servos. Neste momento sabemos que eles estão ligados ao Estado, à Igreja e aos particulares. É a terceira alternativa que vai nos interessar no momento, em função do ponto que nos serviu de base.

Na época, além dos servos que executam os trabalhos dentro da casa do senhor, nas mais diversas funções e que podem ser por ele transferidos para outra ocupação a qualquer momento, existem os que se dedicam ao cultivo da terra — os camponeses, livres ou não.

O artigo de V. A. Alexandrov (9) faz-nos pensar que na primeira metade do século XIX os proprietários, como que tomaram consciência dos direitos que podiam exercer sobre seus camponeses e decidiram fazer uso deles. Prova disso seriam as instruções por eles redigidas ao seu administrador ou *burmistr* que variavam de indivíduo para indivíduo e, portanto, de propriedade para propriedade. Embora existissem leis gerais referentes aos camponeses, na realidade cada caso constituía-se numa realidade específica de administração. Estas instruções variavam desde as mais gerais até as que se prendiam aos mínimos detalhes, dependendo das convicções e dos pontos de vista de cada proprietário.

Voltando ao texto de Turguénev que nos serviu de ponto de partida para o breve estudo que ora apresentamos sobre um assunto que

(9). — ALEXANDROV, V. A. — “A Comunidade Rural e o Vótchina na Rússia (séc. RVII — início do séc. XIX)” in *Istoritcheskie Zapiski (Anotações Históricas)*, 89, Ed. “Naúka”, Moscou, 1972. pp. 231-294,

mereceria ser muito mais aprofundado, encontramos-nos diante de duas variantes no relacionamento dos camponeses com os seus senhores. Trata-se da *bárchchina* e do *obrók*.

Ligados por um binômio de dependência, conforme já foi dito acima, os camponeses, livres ou não, deviam fornecer ao proprietário parte dos produtos obtidos pela força de seu trabalho.

A *bárchchina* consistia no trabalho dos camponeses nas terras do próprio senhor, sendo variável a quantidade de dias, variável de lugar para lugar, embora, no que nos conste, fosse limitada pela lei a três dias por semana. Os demais podiam ser, por eles ocupados nos cuidados para o seu próprio sustento, trabalhando as terras que lhes eram destinadas.

O *obrók* consistia no pagamento de uma quantia, ao senhor, previamente estipulada por ele, liberando o camponês de trabalhos em terras do proprietário. A quantia variava de região para região, de propriedade, para propriedade, de senhor para senhor e de época para época. Ela podia ser obtida pelo camponês por meio de trabalho em terras de outro proprietário ou naquelas que lhe eram destinadas. O pagamento podia ser feito em dinheiro ou em espécie. Quando o trabalho se efetuava nas terras do camponês a taxa provinha dos produtos da terra que podiam ser entregues *in natura* ou de sua venda nos mercados da região, com o consentimento prévio do proprietário.

Cumpra notar ainda que existia um sistema misto em que *obrók* e *bárchchina* coexistiam num sistema misto.

Pode-se perceber que o *obrók* era mais comum nas propriedades menores, como é o caso referido no conto em estudo. Já que as terras eram relativamente poucas, não exigiam para seus cuidados todo o tempo do camponês. Fato oposto ocorria no caso da *bárchchina*.

Seria desnecessário dizer que o tamanho das propriedades variava muito. Em todo caso, chamou nossa atenção um dos exemplos apresentados por Alexandrov (10) referente à família dos Vorontzov, dona nada menos que de 300 hectares de terras, localizadas em 16 gubérnias (11) (sendo que na época a Rússia estava dividida em 19), com 165 aldeias e 8 povoados, com aproximadamente, 120.000 almas.

Para terminar, seria necessário tecer um breve comentário sobre a administração de uma propriedade rural. Pelo que se pode depreender do exposto, as variantes era muitas. No caso em estudo, podemos

(10). — ALEXANDROV (V. A.), *op. cit.*, pp. 273.

(11). — *Gubérnia* — do latim gubernium, uma das divisões territoriais da Rússia, administrada por um governador, subdividida em *uíézdí*.

perceber que o *burmistr*, ao que tudo indica, administrava os bens pessoais do senhor e aproveitando-se de sua constante ausência, constituía-se no dono, de fato, da situação. Fontes históricas nos elucidam a respeito de suas funções, que eram bastante variadas. Sendo uma espécie de intermediário entre o proprietário e o *stárosta*, representante da *sélskaia obchchina* (comunidade dos camponeses) cabia-lhe transmitir as ordens do *bárin* aos camponeses, recolher o tributo (*obrók*) julgar e aplicar punições, fiscalizar as propriedades dos camponeses, desempenhar o policiamento, apaziguar e evitar brigas com os vizinhos, etc. Em caso de prejuízos sofridos pela *vótchina* cabia-lhe, em caso de roubo, por exemplo, cobrar o equivalente dos camponeses.

Caso os camponeses se julgassem prejudicados pelo *burmistr* podiam recorrer ao *stárosta* e, em última instância, ao *bárin*, a quem cabia a última palavra. É fácil imaginar que as soluções eram muito arbitrárias, dependendo do bom-senso, interesse ou, simplesmente, do estado de espírito em que este se achava no momento. Comprova-o o episódio ocorrido no conto, quando o velho, com todo respeito se dirige ao senhor, pedindo clemência. Note-se que o próprio *stárosta*, eleito pelos camponeses, com a finalidade de defendê-los, nada mais é do que filho do *burmistr*. Isto nos faz pensar na validade das eleições dentro da comunidade campesina embora um exemplo sui-gêneris nos seja dado ainda por Alexandrov (12) para comprovar a importância destas eleições ocorridas entre os camponeses de príncipe S. B. Kurakin. Por uma instrução redigida por ele para suas aldeias e povoados, onde existia o sistema do *obrók*, em 1794, onde residiam 654 almas, e que se localizavam no *uiezd* de Rostov e na gubernia de Iaroslavl. Sem se intrometer nas atividades econômicas dos camponeses, o príncipe indicara o *burmistr* a partir de uma lista de 4 nomes escolhidos numa reunião geral da comunidade; entregava-lhe a administração da *votchina* e sujeitava-o à fiscalização de elementos de confiança indicados por cada povoação. O *burmistr* poderia ser substituído com o consentimento do príncipe. Em conjunto com os fiscais designados o *burmistr* analisava as brigas e as petições dos camponeses, julgava, aplicava as “somadas coletadas” (dinheiro proveniente de multas, das coletas na igreja). Devia levar em consideração as opiniões dos representantes quanto às necessidades de uma ou outra povoação e apresentar nas reuniões gerais da *votchina* as questões mais complexas. Ao que tudo indica os camponeses valorizavam este tipo de administração pois, em 1806, depois da morte do príncipe e sob a ameaça de venda da propriedade, concordaram em pagar, ao irmão do falecido, *obrók* de 30 mil rublos, em lugar de 20 mil, como vinha sendo pago.

(12). — ALEXANDROV (V. A.), *op. cit.*, pp. 256.

Esperamos ter, na medida do possível, aproveitado o micro-universo do presente conto, para focalizar a veracidade histórica do relato de um contemporâneo. Procuramos unir literatura e história num todo coeso, em busca dos contornos vivos de um passado distante.

* * *

*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. Dr. *Niko Zuzek* (FFLCH/USP).

Perguntou:

“1. — Entre *burmistr*, *majordomus* ou *stwards* dos senhores feudais medievais existe algum paralelo?

Resposta: *Majordomus* — do latim *major domus* era o chefe da casa, isto é, chefe dos domésticos de uma grande casa; o mesmo ocorrendo com os *stwards*. No conto corresponderia ao *comerdiner*, traduzido por “camareiro”. Já o *burmistr* possuía funções diversas, como já dissemos voltadas para a administração das propriedades.

Sabemos, por exemplo, pela instrução de V.N.Samarin (mencionada por V.A. Alexandrov) que na aldeia de Spásskoie, na Gubérnia de Tula, em 1769 o *burmistr* devia constituir-se na instância intermediária entre o *prikachtchik* e a *sélskaia obchchina*. As reuniões ordinárias, antes convocadas livremente e pelos camponeses, agora só podiam se-lo pelo *burmistr*. Cabia a ele ter todas as ordens enviadas pelo *bárin*, informando assim os camponeses; a cobrança do tributo passava dos administradores da *vótchina*, os *prikaztchiki*, para o *burmistr*. Nas reuniões da comunidade rural julgavam-se os conflitos e os castigos deviam ser atribuídos na presença do *burmistr*. Em caso de votação, o *burmistr* tinha direito a 3 votos.

Desta maneira percebe-se a reação pela qual Pinotchkin denomina seu *burmistr* de “verdadeiro estadista”. Por outro lado, a administração das casas senhoriais, podendo estar nas mãos do *camerdiner* (camareiro) poderia apresentar certo paralelismo com o *majordomus* ou *stwards* medievais do ocidente.

2. — Os servos, na Rússia, para abandonarem os territórios recebiam tal permissão do *burmistr* ou do *stárostá*? (Referência a *Almas Mortas*, de Gógol).

Resposta: Pelo *Sudénik (Codex)* de 1497 previa-se que uma vez por ano, uma semana antes do dia de São Jorge, e no decorrer dela,

os camponeses podiam deixar os territórios onde residiam (dia 26 de novembro), com a obrigatoriedade de pagar *nosnusoro* isto é, o correspondente devido pela residência nas terras do senhor.

Em fins do século XVI, pela introdução, em 1581, dos *zánovédnie tetá* legislação que proibia a saída dos camponeses, mesmo na semana de São Jorge. Esta determinação foi confirmada pelo *ukáz* 1592-93. A partir de 1767 foi proibido aos camponeses fazer queixas contra os *poméchchiki*, sendo que tal atitude podia ser punida pela entrega do queixoso ao serviço militar, cuja duração mínima era de 25 anos. Desta forma legalmente não há possibilidade de abandono das terras pelos servos. Entretanto, partindo do princípio de que o senhor era absolutamente livre para fazer o que desejasse, sabia-lhe autorizar a saída dos seus servos — camponeses mediante pagamento de taxas ou de outra forma qualquer.

Com relação a *Almas Mortas*, ficamos sabendo que, muitas vezes os camponeses, simplesmente, fugiam. Tal atitude, confirmada em outras fontes literárias e mesmo históricas era passível de castigo. A legislação previa mesmo punições para os que acolhessem um servo fugitivo, sem notificar as autoridades.

Existia ainda a possibilidade do servo comprar sua própria liberdade, como no Brasil — a alforria. Entretanto isto se tornava extremamente difícil, com a instituição de pagamento da “taxa residencial”, isto é, estipulava-se uma quantia que o servo devia pagar ao senhor pelo usufruto anual da terra e da moradia. Difícilmente poderia arranjar, além desta quantia, o suficiente para seu alforriamento. Podia ocorrer que mesmo tendo dinheiro suficiente o senhor se recusasse em aceitar sua libertação.

* *
*

Da Prof.^a *Rina Azaryah Barreto Nunes* (Universidade Federal de Sergipe).

1. — Os dois termos mais usados para designarem o elemento que se retira do grupo, têm correspondentes em português? Qual a atitude do grupo em relação aos elementos que o abandonam?

Resposta: A maior dificuldade apresentada pela abordagem do assunto em questão encontra-se justamente na inexistência de terminologia correspondente em português. É uma realidade social diversa e distante da que estamos acostumados a conhecer. Os dois termos mais usados, devido à sua maior incidência nos documentos históricos e literários da época, *tchéliad* e *tchéliadín* emprega-se nos textos me-

dievais para designar uma grande família e *ótrok* ou *otródok*, na sua forma total, indica filologicamente uma proximidade indiscutível com o vocábulo *ród*, ou seja *gen*, a grande família tribal e *ót*, fora, para fora, partícula que indica afastamento. *Ótrok* ou *otródok* seria então um indivíduo pertencente à própria família, mas que por qualquer motivo se viu afastado dela. Não seria o caso dos prisioneiros de guerra estranhos, na sua origem, à constituição do *gen*. Inclusive no período da Rússia Kievana temos várias referências a prisioneiros de guerra, escravos durante um período de tempo, que passam a integrar o clã, passando a ser vistos como parte dele.

Seria interessante lembrar aqui o termo *izzór* que designava os descendentes da família de Rurik cujo ancestral falecera sem ter chegado a ocupar o trono Kievano. Dava-se este nome também aos filhos de padres que não sabiam ler e escrever, constituindo, portanto, uma exceção dentro do seu próprio grupo. Usava-se ainda para designar a situação instável de indivíduos que por exemplo, deixaram uma ocupação e não se definiram em outra. Este termo *izzói* nos faz pensar numa proximidade bastante marcante de *gnát*, tocar, fazer correr, perseguir, expulsar e *iz*, algo dentre um conjunto, para fora, de. Portanto *izzói*, ligado a *izznát*, expulsar de, poderia muito bem ser alguém expulso da comunidade familiar — como é o caso dos príncipes que não têm direito à sucessão e passam a ser dependentes dos seus superiores, ou seja, dos que continuam com o direito de aspirar ao trono Kievano.

A atitude do grupo em relação a estes elementos, pelo que nos tem sido dado ver a respeito, não era das mais condescendentes. O fato se deve, parece-nos, a uma dependência binária, existente entre senhor e servo, semelhante à que existe entre pai e filho (a própria abordagem filológica das designações, mostra sua proximidade). O senhor obriga-se a fornecer ao servo os meios indispensáveis para sua subsistência junto com a família, enquanto este deve empregar parte de sua capacidade de produção em proveito do senhor. Uma vez que o próprio senhor tornara-se uma espécie de servo do czar nada mais normal do que julgar-se um dever sagrado servir bem, isto é, o servo devia ser um bom filho. Neste contexto, o mau servo não era criticado apenas por aquele a quem ofendera, como também era condenado pelos seus iguais. A submissão era um dever dentro da escala social existente: os servos deviam obediência ao senhor, este a vida ao *kzár* e este, por sua vez, a Deus.

Trata-se de uma esquematização bastante simplificada cuja única finalidade é elucidar a indagação que nos foi proposta.